

A DESCRIÇÃO DO QUARTO DA MULHER QUE MORREU

Aline Bei

na gaveta uma carta
dobrada, frases se olhando, coisas como “eu preciso de um cachorro”
convivendo com
“meu remédio pra dormir” e a carta dentro
do quarto escuro que é
um envelope
na gaveta virando
casa
tudo dois passos
a frente, as pequenitades são assim.
em cima da cômoda descansava uma caixa
aberta naquela
bailarina imóvel
pra onde foi a música? ela pensava caso
pensasse, ao lado um livro
Mal-entendido em Moscou.
a mulher que morreu gostava muito
desse livro
que conta a história de um casal que se desentende numa viagem
os capítulos separados
pelo ponto de vista do homem e
da mulher. depois de ler
esse livro
a morta que na época não estava
morta

sentiu pela primeira vez o grande
do Mundo, as pessoas falavam disso constantemente, mas ela
nunca tinha sentido assim
na pele
o tamanho de tudo que existe.
aquele
era o melhor livro do século
despretensioso e por isso tão bom
falava sobre todos querendo apenas dizer de 1 e também a mulher
gostava do rosto
da Simone de Beauvoir
colou um pôster perto da cama.
na foto

a escritora fumava olhando pra câmera

e apenas um animal selvagem
poderia se aproximar daquele
mistério que era
olhar pra alguém que não sentia medo. enquanto isso escorria a colcha
de cetim branco parecendo
leite
bastava deitar na cama pra mulher voltar pro
útero e por fim um tapete
perto da porta
tentando acalmar as coisas, querendo ouvir
da Terra e
dependendo do jeito que a luz batia ali
no quarto
dançava por cima dele uma cruz.

***Advertência: este texto foi liberado exclusivamente para o projeto Combinando
Palavras, sendo assim terminantemente proibida qualquer reprodução!***

NÃO TENHO MÃE

Aline Bei

meu rosto ainda estava no asfalto
na queda tem esse momento
pequeno
em que a gente quase se acostuma com o chão, a gente quase mora no
lugar onde caímos
também na pessoa em nós que caiu
como se a queda fosse irreversível
como se a vida, agora, se limitasse a isso, a esse
beijo.
o asfalto
é um lugar de pisar e carros, um lugar de passagem, não parece natural
um rosto ali, Imóvel.
ou morreu
ou a queda está doendo demais
até que eu me levantei
devagar
sentindo falta de algo no corpo.
não era a pele
nem o sangue
esse sangue que fica como um rio pela gente, já pensou? no quão
líquido somos, água, sangue e nada vaza, a Pele de barreira e ainda por
cima é macia, ainda por cima ela é útil
no amor.
depois da queda
meu plano de virar uma grande escritora subitamente ficou pra depois.

cair é uma pausa
no movimento da vida, de repente uma consciência
se não da própria morte
talvez da fragilidade que nos é inata
e no turbilhão dos dias a gente se esquece dela.
parecemos tão fortes lutando pelo que queremos, pelas pessoas que
amamos, pagamos nossas contas, planejamos viagens, um filho, e de
repente lembramos,
de repente entendemos que
somos feito de vidro.

-tá tudo bem?- perguntam, me ajudando a levantar.

-sim. – respondo esgotada.

-vou chamar uma ambulância.

-não, não precisa. tá tudo bem, não foi nada grave. eu vou pra casa
agora.

-mas seu rosto. tá bem machucado. vem, a gente te ajuda.

-não precisa, é sério. eu moro logo ali. obrigada. tá tudo bem.

e me lembrei de um dia
em que eu caí assim também, de rosto, minha mãe estava perto, ela me
puxou pelo braço tão rápido
que doeu o ombro em cima da dor
do rosto.

-filha, filha. –ela dizia agitada.

me colocou no peito num abraço, aquela correntinha de pássaro que ela
tinha
grudou na minha bochecha
meu suor, o dela,
ficou a marca do pingente em mim.

-tô bem, mãe. – eu disse. – foi só um susto.
e ela chorando. me vi ali, com 5 ou 6 anos,
consolando minha mãe da minha queda, acalmando ela da minha dor,
eu que sempre fui a mãe da minha mãe.
ela nunca soube
cuidar de ninguém.
mas tentava, desesperada cuidar, às vezes ficava até violenta cuidando,
fazendo o curativo com força. ela se aborrecia rápido,

gritava Eu tenho tanta coisa pra fazer e colocava as mãos na cabeça.
esse era o seu jeito de lidar com o Susto, como uma menina.
então eu passei a evitar machucados,
tomava um cuidado absurdo como se minha vida fosse dentro de uma
loja de cristais.
não queria ver minha mãe gritando, evitava contar as histórias das
outras crianças que podiam assustá-la,
como quando a mãe da sofia morreu
e a sofia não comia mais
ficou tão magra que ia pra escola de cadeira de rodas.
não contei nada
nada de trágico para os ouvidos de mamãe. quando chegava de Noite
ela ficava mais macia.
a noite tinha um efeito devastador de calma pra minha mãe, sempre
foi assim. ela nunca brigou com ninguém à noite,
ela ficava doce,
compreensiva, até bem humorada, até menos dona
de si. vulnerável à cama, ao peso dos lençóis, ela finalmente se calava,
cedia, de noite você podia contar pra ela até de 1 medo.
calmamente ela te ouviria

dizendo tá tudo bem
e um abraço, um abraço também seria bom.
mas quando amanhece o dia
a calmaria passa
a calmaria é como se fosse um sonho que tive ou quem sabe era ela
quem estava sonhando
e por isso me tratou assim, como aquelas mães nos filmes,

que cantam pra fazer o filho dormir, a mão delicada passeando pela
testa do menino.

e assim eu sigo
tentando não me machucar
evitando qualquer perigo
pisando em
ovos tenho conseguido
me equilibrar com o passar dos anos, é pena que hoje eu tenha caído
assim desprevenida
nem me lembro como. fico tentando lembrar
estava tão lúcida antes da queda
como posso esquecer de tudo assim, de repente? a memória. a
memória tem vida própria
ela é um anão
morando na gente
entre a cabeça e o peito, mais ou menos na altura garganta.
-tem certeza que não precisa de ninguém pra te levar em casa?
-tenho, obrigada. eu já vou indo.
pego minha bolsa e a chave que foram parar do outro lado da calçada.
agradeço com um leve aceno de cabeça os olhares preocupados dos
desconhecidos ali
na rua
eles formavam uma pequena plateia.

olhavam com pena
minha volta pra casa, espero que a mãe esteja no mercado
ou que o machucado seque
com o vento,
ventava bastante,
aquele algo a menos no corpo ainda latejava em mim.

***Advertência: este texto foi liberado exclusivamente para o projeto Combinando
Palavras, sendo assim terminantemente proibida qualquer reprodução!***

O ATRASO

Aline Bei

chutei as pedrinhas da estrada quando senti que você não vinha
Mais.

Tirei elas do meu caminho, deixei só
a Terra,

que sempre levantava com o vento, nascido das rodas rápidas que
passavam por ali e
não paravam.

Estava tudo certo para termos a melhor semana das nossas vidas,
pelo menos eu.

De noite conversamos por telefone, você disse
das malas prontas, mas hoje
desviou o caminho,

preferiu pegar a estrada sem mim e eu aqui, na rodoviária feito
Besta, num choro engasgado de
peito, uma
ânsia.

Pensei que podia ir atrás de você até a sua cidade, mas que
ridículo isso seria.

Porque um dia

Morro

e não sei

Quando, desperdiçar o tempo é criminoso por ser jeito de matar,
também.

Olhei minha mala em estado de
Espera, era
triste. Eu de calça jeans, batom e bota te esperando era
ainda mais Triste, o amor
é história pra boi
Dormir. O que existe
é a sede,
amor é feito de 2 ou mais pessoas e 2 ou mais pessoas
Raramente concordam em qualquer coisa, por isso viram pó e
desilusão.

***Advertência: este texto foi liberado exclusivamente para o projeto Combinando
Palavras, sendo assim terminantemente proibida qualquer reprodução!***

A BRIGA

Aline Bei

fechei a porta do quarto quando te ouvi chegando
guardei o livro, apaguei as luzes
tratei de ficar
imóvel. atenta
aos sons vindo da
cozinha
a geladeira aberta, os sapatos que você tirou.
a água
preenchendo o copo
a boca no
copo
seus passos
no corredor
meus olhos muito prontos
pra fingir um sono
profundo
assim que você abrisse a porta porque
eu sabia que você abriria
a porta.
foi quando senti o peso
da sua mão
descendo a
maçaneta
e nessa hora, como eu tinha planejado,
nessa hora eu fecharia os olhos pra gente não se ver
mas.

incrivelmente.
por mais que eu tentasse
meus olhos não
fechavam, não eram meus, e a sua cabeça quente
surgiu no vão que a porta
recortou no
Espaço

tá tudo bem?
você pergunta

tá.

já vai dormir?

sim.

não vai ler antes?

hoje não.

boa noite. – você disse encostando
a porta

é incrível como a sua presença
perdura

você demora
pra voltar e ainda assim está sempre aqui na nossa
casa a sua áurea
um pouco no quadro
da santa ceia
um pouco nas
maçanetas

(quem chega sempre abre
uma porta)

no sabonete, especialmente

tem você também no telefone

sua voz moldando frases
no fundo um alívio
ouvi-las, pelo menos um sinal de que ainda estamos aqui.

tá tudo bem, filha?

nunca está.
não é nada urgente, claro, tanto que mentimos
o tempo todo
virando um Hábito e vai ficando
cada vez mais difícil ser sincero simplesmente.

pela manhã

(você na rua
trabalhando)

sozinhas a mãe me perguntou
se eu já tinha te
perdoado.

olhei pra pergunta dela

atrás a cortina
num balaço tão
mínimo, parecia
impressão. foi quando eu comecei a imaginar

o mundo daqui muitos
anos
sendo habitado por
outros seres
a gente nos livros
desses seres
e enquanto eles estudam o que tentamos fazer pelo mundo quando
tivemos a chance,

enquanto isso nós estaremos nadando
no azul absoluto da não existência

então sim, respondi pra mãe,

eu já perdoei o pai pelo que ele me fez.

***Advertência: este texto foi liberado exclusivamente para o projeto Combinando
Palavras, sendo assim terminantemente proibida qualquer reprodução!***

